

Moscou, capital do Oriente Médio

A Rússia já ocupa um lugar central no tabuleiro do Oriente Médio. A sua presença militar na Síria, o eixo que criou com o Irã e a Turquia fazem da Rússia o interlocutor obrigatório de todos os protagonistas da atual guerra. Mas também está imersa nas contradições que dividem seus aliados e está esperando com alguma preocupação que o presidente Donald Trump decida sobre sua política na região.

“The Middle East: When Will Tomorrow Come?”: Com este título bonito, quase poético, num hotel de luxo no centro da capital, a poucos metros da Praça Vermelha e do Kremlin, mais de cem convidados de trinta países participam de um encontro para discutir o futuro de uma região abalada por guerras e conflitos, a convite do Valdai Discussion Club, um think tank internacional de política.

Os participantes são mais diversificados do que na reunião do ano passado, com mais delegados dos países do Golfo. Estão presentes Moshe Yaalon, antigo ministro da defesa israelense, que explica que a paz requer a criação de Estados confessionais, sunitas, xiitas ou alauítas (mas sobretudo não de um Estado palestino) ou o general americano Paul Vallely, que elogia Donald Trump e evoca a sua recente reunião com Marine Le Pen em Paris. Também estiveram presentes Ali Nasser Mohamed, antigo presidente da República Democrática Popular do Iémen (Iémen do Sul), Nabil Fahmy, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio, Amr Moussa, antigo secretário-geral da Liga Árabe, ou Ismail Ould Cheikh Ahmed, enviado especial do Secretário-Geral da ONU para o Iémen. Anunciada, a líder da oposição síria Bassma Kodmani teve que ir às negociações em curso em Genebra. Outra ausência, Seyed Hossein Mousavian, ex-oficial do Conselho de Segurança Nacional Iraniano, residente nos Estados Unidos: ele temia,

após os decretos do presidente Trump, que ele não poderia voltar se partisse em uma viagem.

Intelectuais, pesquisadores, líderes sauditas ou iranianos, turcos ou egípcios, iraquianos ou americanos, é claro, encontrar lá com uma forte presença russa, incluindo Mikhail Bogdanov, Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros responsável pelo mundo árabe, Valentina Matvienko, presidente do Conselho da Federação Russa (a câmara alta), e perto de Vladimir Putin ou Vitaly Naumkin, diretor do Instituto de Estudos Orientais, um dos arquitetos da conferência. Este último deixará a conferência urgentemente no final do primeiro dia para reforçar a delegação russa nas negociações sobre a Síria em Genebra. A Europa destaca-se pela sua ausência, como vários oradores iriam sublinhar.

Um papel central nos acontecimentos mais candentes

Uma participação tão heterogênea confirma que a Rússia conquistou no ano passado, graças às suas vitórias militares na Síria, um lugar central no Oriente Médio, reconhecido por todos – mesmo por aqueles que condenam o seu apoio ao regime de Damasco. Se orgulha de manter diálogos com todas as partes, em todos os conflitos que minam a região: não vai utilizar os seus bons ofícios para impedir uma escalada entre o Hezbollah e Israel nas Colinas de Golã, como confirmado pela reunião realizada em Moscou em 9 de Março entre Putin e Netanyahu?

Moscou voltou a ser um dos centros onde os imbróglis mais candentes são negociados. No final de janeiro, o Hamas e o Fatah assinaram um acordo para a formação de um governo sindical nacional /1. Em meados de fevereiro, a capital sediou a sexta conferência dos curdos, que reuniu vários grupos do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) atual: Partido da União Democrática (PYD, Síria), Partido para uma Vida Livre no Curdistão (PJAK, Irão), Partido Popular Democrático (PDC, Turquia), mas também Goran ou a União Patriótica do Curdistão (UPK), partidos rivais do Partido Democrático do Curdistão

(PDK) – no poder no Curdistão iraquiano e ausentes da conferência.

No início de março, o ministro dos Negócios Estrangeiros russo, Sergei Lavrov, recebeu o primeiro-ministro líbio, Fayez Al-Sarraj, enquanto a Rússia mantém excelentes relações com o seu principal adversário, o general Khalifa Haftar.

Por que este ativismo? Por que Moscou tem tanta pressa? Fyodor Lukianov, um dos mais respeitados artesãos intelectuais da conferência e comentaristas russos da política internacional, explica que o objetivo ultrapassa o quadro regional: “A Rússia vê o Oriente Médio como o principal terreno onde pode acumular capital que lhe permitiria ser reconhecido como uma potência na cena internacional. Apesar das suas especificidades, o Oriente Médio é uma parte interessada numa reorganização do mundo”. A Rússia não esconde sua convicção de que a era “pós-ocidental” começou e quer acelerar o movimento.

“Trabalhar com todo mundo”

Mas isso não significa que “estamos empenhados numa nova “guerra fria”; não estamos em concorrência com os Estados Unidos, como aconteceu com a URSS”, explica este professor russo de relações internacionais, “não queremos uma nova Ialta”. Em primeiro lugar, porque o mundo já não é bipolar, mas multipolar e, por outro lado, porque aqui estamos conscientes dos limites do “poder russo” – sobretudo em termos económicos. Finalmente, porque a ideologia já não é uma força motriz e, como insistem Liukanov e numerosos interlocutores russos, “a regra do jogo internacional para os próximos anos é a instabilidade”. Já não existe qualquer aliança duradoura, nem sequer a OTAN.

A chegada de Donald Trump à Casa Branca, muito bem recebida no Kremlin, aumenta tanto a instabilidade como a incerteza. Por enquanto, o presidente americano parece estar preso entre seus caprichos de aproximação com Vladimir Putin, as tendências

antirrussas do Congresso, seu discurso sobre a “guerra contra o terrorismo” e sua hostilidade visceral ao Irã. Entretanto, o Kremlin aproveita esta estranha transição em curso em Washington, mas envia uma mensagem clara aos ocidentais, repetida por Valentina Matvienko: “O Oriente Médio é a linha da frente da guerra mundial contra o terrorismo, um mal global semelhante ao que era o fascismo. Para derrotá-lo, temos de pôr de lado as nossas diferenças”. Bogdanov acrescenta: “Temos de pôr fim à democratização imposta do exterior, sem qualquer relação com as culturas locais”. Mas, diz ele, devemos também “trabalhar com todos”, na Líbia, Iêmen, Síria ou Iraque, com exceção, é claro, de grupos terroristas transnacionais, da Organização do Estado Islâmico (EI) e da Al-Qaeda. Poderia também ter evocado o Afeganistão, onde Moscou, preocupado com a instalação da IE no país, entrou em contato com frações dos talibãs que considera serem um contrapeso ao jihadismo internacional.

É em solo sírio que os russos alcançaram os seus êxitos mais significativos, embora lhes caiba provar a sua capacidade para estabilizar a situação, para delinear uma solução política. Para fazer isso, ele se baseia em primeiro lugar e acima de tudo no laboriosamente forjado triângulo Irã-Turquia-Rússia. Como explica um diplomata russo sob condição de anonimato, esta aliança é “contra-intuitiva”. Baseia-se em cálculos táticos, mas isso não significa que não dure. Os interesses a curto prazo destes três países coincidem porque têm tropas no terreno e querem encontrar uma solução. E medem o peso financeiro de um impasse. Para permitir a assinatura de um cessar-fogo na Síria, Moscou se reuniu em Astana (Cazaquistão) em duas ocasiões, em janeiro e fevereiro de 2017, com representantes do regime sírio e da oposição armada – incluindo grupos salafistas até então descritos por ele como “terroristas”, como Ahrar Al-Cham. Este compromisso preparou o caminho para o reatamento das negociações políticas em Genebra, no final de Fevereiro, entre o regime e as diferentes forças da oposição.

Aliados imprevisíveis

Mas como fazer malabarismos com as posições por vezes antagônicas dos seus aliados? Um projeto de Constituição apresentado por Moscou indica que o Estado sírio será laico, o que não é do agrado do Irã, e não menciona o caráter árabe do país (um reconhecimento do fato curdo) que indis põe tanto Ancara como os nacionalistas árabes. No entanto, o eixo Moscou-Teerã parece ser mais sólido do que o eixo Moscou-Ankara, sendo o primeiro menos suscetível de correr o risco de alterar alianças – a esperança de que o acordo sobre a questão nuclear iraniana conduza a um desanuviamento entre os Estados Unidos e o Irã terminou – do que o segundo, uma vez que Moscou não esquece que a Turquia faz parte da OTAN.

Outro aliado imprevisível é Bashar al-Ásad, que no entanto deve a sua sobrevivência política à intervenção de Moscou. Alexander Aksenok, antigo embaixador russo na Argélia, um velho conhecido da política do Oriente Médio, não esconde as suas críticas às autoridades sírias. “A solução na Síria deve ser fundada, explica, no comunicado de Genebra de 30 de junho de 2012/2, e na resolução 2254 do Conselho de Segurança da ONU, que previa a criação de um “órgão de governo transitório”, capaz de “desempenhar plenamente as funções de poder executivo”. No entanto, Damasco recusa-se, sob vários pretextos, a discutir esta transição. Este ponto de vista foi expresso publicamente na Nezavisimaya Gazeta em 20 de fevereiro de 2017.

Por último, sob pressão de Moscou, a quarta sessão das negociações de Genebra, que terminou a 3 de Março, parece ter obrigado Damasco a aceitar os princípios de uma transição. Um pequeno passo em frente saudado pelo enviado da ONU, Staffan de Mistura, que anunciou o reatamento das negociações em 23 de Março. Quanto ao futuro de Bashar al-Assad, segundo Moscou, terá de ser decidido mais tarde, e a decisão caberá aos sírios. Haverá diferenças neste ponto entre Teerã, que defende a manutenção do presidente sírio a todo o custo, e Moscou, que

seria mais flexível, ou, como explicam alguns jornalistas russos, diferenças entre os ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros russos? É difícil obter a confirmação destes rumores.

O futuro está na Casa Branca

Em todo o caso, para Moscou, a questão não está na ordem do dia, porque o futuro será decidido no terreno, onde a situação está a mudar. Apesar de seus contratempos, o EI permanece poderoso, assim como o antigo ramo da Al Qaeda, a Frente Al Nusra mais tarde convertida na Frente Al-Cham da Fatah. Por outro lado, as tensões entre a Turquia, o regime sírio e o Irã no terreno são palpáveis – tensões que Moscou está tentando acalmar. Um exemplo é a situação em torno da cidade de Al-Bab, que as tropas turcas envolvidas na Síria desde agosto de 2016 levaram com os seus aliados sírios em 23 de fevereiro. Ameaçaram retomar Mabij, que caiu nas mãos das Forças Democráticas Sírias, um grupo em que a PYD desempenha um papel fundamental. Para a Turquia, o objetivo é impedir a unificação dos três cantões do Curdistão sírio e desferir um golpe numa organização considerada como um simples ramo do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), um inimigo tão perigoso, se não mais, do que o EI. Moscou negociou, com a ajuda de Washington, um compromisso: a PYD evacuou os arredores das aldeias em torno de Manbij, que foram devolvidas ao regime sírio.

Uma zona tampão foi assim criada entre os turcos com os seus aliados de um lado e os curdos do outro, servindo o exército sírio como uma força de intervenção! No entanto, os confrontos não devem ser excluídos, considerando que a Turquia reiterou a sua vontade de expurgar completamente Manbij dos combatentes curdos e exige participar nas operações de reconquista de Raqqa, a “capital” do EI. A reunião em Antália (Turquia) dos militares turcos, russos e americanos, realizada em 7 de Março, teve por objetivo definir uma estratégia comum. Ao mesmo tempo, sabia-se que os Estados Unidos tinham enviado

pela primeira vez fuzileiros para a região – onde, para além das tropas sírias, as tropas iranianas, turcas, russas e americanas coincidem no terreno.

Mas será que o futuro da Síria pode ser negociado “apenas com atores não árabes como o Irã e a Turquia”? pergunta Lukianov. Esta questão é tanto mais legítima quanto a própria conferência de Valdai tem sido capaz de ouvir críticas virulentas de delegados árabes do Irã e seu “expansionismo”. Embora Moscou possa ter obtido uma presença jordaniana nas negociações de Astana – assim como a dos Emirados Árabes Unidos /3 – a ausência da Arábia Saudita pesa muito. Precisamos que os Estados Unidos incluam a Arábia nas discussões”, explica o senador Igor Morozov, membro do Comitê de Relações Exteriores da Câmara Alta. Caso contrário, corremos o risco de ver uma retomada dos combates e da ajuda de Riad e Doha às organizações armadas. Mais grave na sua opinião: o risco de a administração Trump desencadear um conflito contra o Irã, através de Israel. Esta opção anularia qualquer possibilidade de acordo na Síria e relançaria uma guerra em grande escala na região, com um surto de Estados e o agravamento dos conflitos confessionais. Apesar do seu êxito, os russos estão conscientes de que uma parte do futuro está em jogo na Casa Branca. E ninguém sabe quando chegará o amanhã ao Oriente Médio...

Original: [Orient XXI](#)